

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

NO AGRESTE COM BOURDIEU (2007-2016): PISTAS PARA PESQUISA SOBRE GENTE E NEGÓCIOS EM CONTEXTO PERIFÉRICO

Marcio Sá¹

Resumo

Este trabalho, que se ergue a partir de aprendizados oriundos de prática científica ambientada no Agreste pernambucano e empreendida ao longo dos últimos dez anos, tem como objetivo principal esboçar pistas epistêmicas para pesquisa sobre gente e negócios em contexto periférico. Acredita-se que tais pistas podem ter serventia tanto para o aprimoramento da atuação de um pesquisador na continuidade de tal trajetória quanto para inspirar outras iniciativas em contextos e temas mais ou menos próximos ao acima declarado. Após a introdução, são apresentados alguns traços sócio-históricos que constituem o lugar e sua gente, seguido de um breve olhar retrospectivo para tais práticas. Na seção principal são expostas uma a uma as seguintes pistas: (1) elaborar progressivamente um entendimento apropriado daquele contexto como periférico (numa “rota de fuga” de dois extremismos, o totalitarismo do universal e o fundamentalismo local); (2) avançar na construção de modo de produção científico sob medida local (a partir do legado da epistemologia bourdieusiana); (3) esclarecer-se que linguagem é ação ordinária também em pesquisa social e que é preciso, além da científica, progredir no conhecimento da linguagem dos pesquisados; (4) sustentar a apresentação de seus resultados com retórica argumentativa bem justificada perante os pares e perante o contexto, de modo a alcançar a legitimação em ambas esferas. Por fim, uma síntese das pistas é oferecida junto às considerações finais.

Palavras-chave: Agreste; contexto e negócios periféricos; prática de pesquisa; epistemologia.

Introdução

A prática de pesquisa social, quando se apresenta com vestes de ciência neste novo milênio, demanda por investimentos formativos contemporâneos, tanto da parte dos indivíduos que para ela se direcionam quanto de uma comunidade que se constitui a partir das contribuições de outros campos de saber, como é o caso da Administração e dos Estudos Organizacionais.

Desde que as “grandes narrativas” (Lyotard, 2002) receberam questionamentos que colocaram em xeque suas hegemonias nas disputas por legitimidade científica, alternativas modestas e circunstanciadas de produção de conhecimento conquistaram mais espaço, passaram a ser tidas como potencialmente válidas, com alguma recorrência, nas diversas comunidades abrigadas sob o manto das “ciências sociais e humanas”.

Este trabalho, que se ergue a partir de aprendizados oriundos de prática científica ambientada no Agreste pernambucano e empreendida ao longo dos últimos dez anos, tem

¹ marciodesa@gmail.com

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

como objetivo principal esboçar pistas epistêmicas para pesquisa sobre gente e negócios em contexto periférico. Acredita-se que tais pistas podem ter serventia tanto para o aprimoramento da atuação do pesquisador na continuidade de tal trajetória quanto para inspirar outras iniciativas em contextos e temas mais ou menos próximos ao acima declarado.

Após esta introdução, são apresentados alguns traços sócio-históricos que constituem o lugar e sua gente, seguido de um breve olhar retrospectivo para tais práticas. Na seção principal são expostas uma a uma as seguintes pistas: (1) elaborar progressivamente um entendimento apropriado daquele contexto como periférico (numa “rota de fuga” de dois extremismos, o totalitarismo do universal e o fundamentalismo local); (2) avançar na construção de modo de produção científico sob medida local (a partir do legado da epistemologia bourdieusiana); (3) esclarecer-se que linguagem é ação ordinária também em pesquisa social e que é preciso, além da científica, progredir no conhecimento da linguagem dos pesquisados; (4) sustentar a apresentação de seus resultados com retórica argumentativa bem justificada perante os pares e perante o contexto, de modo a alcançar a legitimação em ambas esferas. Por fim, uma síntese das pistas é oferecida junto às considerações finais.

Traços sócio-históricos do que aqui se chama de Agreste²

“O que caracteriza o Agreste é a diversidade de paisagens que ele oferece em curtas distâncias, funcionando quase como uma miniatura do Nordeste, com suas áreas muito secas e muito úmidas.” (Andrade, 2005, p. 44).

Situada numa faixa entre a Zona da Mata e o Sertão, no interior do Nordeste brasileiro, há uma região que corta seus estados orientais como Pernambuco e Paraíba, trata-se de “uma zona de transição, com trechos quase tão úmidos como o da Mata e outros tão secos como o do Sertão, alternando-se constantemente e a pequena distância, que o povo chamou de Agreste” (Andrade, 2005, p. 37).

Entre 1750 e 1940, “o algodão foi um dos principais produtos nordestinos e o único que enfrentou a cana-de-açúcar com algum êxito, na disputa por terras e braços” (Andrade, 2005, p. 158). Com o declínio da agricultura na região, os ideais da modernização fizeram com que a condição de vida e os horizontes de futuro da família camponesa-agricultora também fossem modificados, as projeções familiares relacionadas ao “urbano” serviram de mola propulsora à migração. Os principais destinos dos que partiram foram as grandes cidades próximas, sobretudo Recife, e as metrópoles nacionais São Paulo e Rio de Janeiro (Andrade, 2005, p. 164; Vêras de Oliveira, 2013, p. 237). Ao mesmo tempo, alternativas locais surgiram – como o uso do couro na produção de calçados, em Caruaru e Toritama, e o caso da costura com retalhos de tecidos em Santa Cruz do Capibaribe (SCC) (Lira, 2011, p. 84) – para quem naquelas vilas e cidades já moravam, bem como para os demais que lá chegavam advindos do entorno rural ou mesmo de outros municípios e estados circunvizinhos.

Neste curso histórico, houve uma continuada conjugação local (1) da procura por produtos necessários à sobrevivência em meio rural, (2) da venda dos produtos agrícolas

² Esta seção recupera e sintetiza trechos e aspectos que podem ser vistos anteriormente em Sá (2015a, p. 90-113).

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

cultivados a partir do trabalho dos membros da família desde a mais tenra infância, (3) de um contexto de vida que tinha na missa e na feira dos “arruados” seus principais eventos, com (4) a necessidade dos habitantes destes pequenos vilarejos em formação de se abastecerem de itens produzidos no entorno rural e (5) o trânsito dos caixeiros-viajantes, que promoviam a circulação de mercadorias litoral-sertão (cf. Andrade, 2005; Ferreira, 2001; Vêras de Oliveira, 2013). Tudo isso se aglutina ao longo da trajetória coletiva local que conforma e é conformada pelo modo de estar e agir no “mundo” do comércio de feiras de rua que ali se engendrava. Aquele “mundo” foi decisivo no passado, na configuração de entrepostos comerciais de apoio para o trânsito do comércio, servindo de também para a circulação notícias, ideais e modos de vida que foram sendo desde então compartilhados.

A origem de Caruaru, principal centro urbano da parcela pernambucana da região, está decisivamente vinculada à constituição de sua feira de rua (cf. Ferreira, 2001, p. 101-102; Sá, 2011, p. 30-33). O mascate estrangeiro estabelecido, o agricultor e sua família, o Padre, o feirante (que, em muitos casos, foi agricultor ou é filho de uma família de agricultores que se estabeleceu com a prole na cidade), o coronel e seus herdeiros, entre alguns outros, são personagens que também marcavam presença no ambiente de feira. Deste modo, tais feiras de rua se tornaram espaços de confluências de pessoas de diferentes origens e trajetórias de vida, então ocupantes de distintas posições sociais e portadores dos signos distintivos a elas correspondentes.

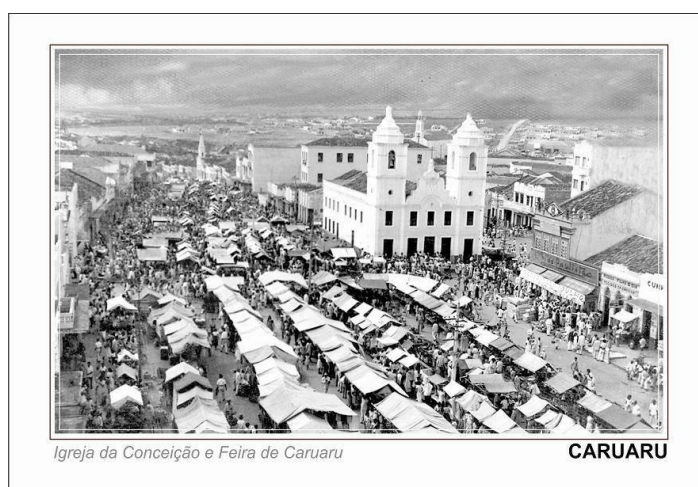


Foto 1: A feira e a igreja, centro de Caruaru em meados do século XX³

É recorrente encontrar na história da Humanidade catequizada pelo catolicismo, cidades que tiveram suas origens a partir de uma igreja e de uma feira de rua que se dava no mesmo dia das celebrações religiosas. Entretanto, o modo como tal herança se entranhou nos rumos tomados por Caruaru é singular. Ainda nos dias de hoje, num município que se estima ter pouco mais de 350 mil habitantes (cf. IBGE, 2016) como a autodenominada “capital do agreste”, é difícil imaginar um indivíduo de suas camadas populares, e mesmo de outras não tão populares assim, que não tenha ao menos um

³ Os créditos desta e das demais fotos estão dispostos ao final das referências.

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

parente, amigo ou vizinho que se ocupe de alguma atividade relacionada ao comércio e, em particular, ao de feira de rua.

No caso desta parte do Agreste pernambucano, além de tal atividade ter ainda hoje papel capital na dinâmica de grande parte das pessoas que por lá vivem e trabalham, o comércio de feira de rua se expandiu para o desenvolvimento da atividade comercial de modo geral e para além desta. Mais do que um evento semanal de suprimento das necessidades de econômicas, de consumo e animador das relações sociais locais, a feira de rua pode ser vista como um microcosmo de reprodução, coerção e conversão de práticas socioculturais locais. É como se ela fosse um ancestral presente e incorporado por parte significativa da população agrestina ainda hoje.

Outro traço sócio-histórico relevante para a compreensão deste contexto é o modo de sobreviver e se organizar em unidade familiar herdado dos meios rurais agrestinos e reconfigurados em meados do século passado na região. Se, por um lado, a estrutura familiar e a necessidade do trabalho doméstico desde a mais tenra infância permanecem numa condição de poucos recursos financeiros amplamente compartilhada, por outro, é preciso que toda a família se organize nos termos de um trabalho que não é mais na e com a terra.

Os pais de tais famílias recorrentemente não tinham estudo ou qualificação. Agricultores desenraizados, procuravam um modo de conseguir alguma fonte de renda, uma atividade remunerada esporádica, afinal, emprego era algo estranho à maior parte das pessoas naquele lugar, naqueles tempos. Viajar vendendo a produção doméstica de confecções em feiras de rua pelos municípios e estados vizinhos era uma atividade que poderia ser desempenhada mesmo por quem mal sabia ler. Em termos objetivos, tornar-se mascate da produção de confecções doméstica e familiar local, que se massificou pela região a partir de meados do século passado, mostrou-se a melhor alternativa possível para muitos que largaram a enxada e se instalaram em cidades como SCC.



Foto 2: Mascates de SCC vendendo sulanca na Bahia, final dos anos setenta

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]



Foto 3: Produção doméstica feminina em SCC, início dos anos oitenta



Foto 4: Feira da Sulanca em SCC, anos oitenta

A pujança das feiras de rua na região, as famílias de raízes rurais – geralmente compostas também por uma mulher que sabia costurar, vasta prole e que havia se mudado para (ou mantinha-se em contato regular com) as urbanidades em formação na região –, o modo de se relacionar socialmente característico, o impacto das migrações e do comércio de retalhos advindos de Recife e, posteriormente São Paulo, são alguns dos traços mais relevantes ao contexto propiciador da conformação deste Agreste contemporâneo. A dinâmica e os hábitos inerentes às feiras de rua, à prática da costura doméstica familiar, às heranças rurais presentes na organização familiar, bem como à migração de alguns dos seus membros para grandes centros urbanos do país, em especial o eixo Rio-São Paulo, são comuns ao espectro mais amplo desta região. São reminiscências históricas que ainda hoje constituem o tecido sociocultural local e encontram-se incorporados nos seus habitantes.

Em síntese, em pouco mais de meio século esta microrregião deixou de ser simplesmente um meio rural interligado por pequeninos arruados, viu surgir e se consolidar uma atividade a partir de restos dos tecidos jogados no lixo pela indústria têxtil de Recife e depois de São Paulo, e em parte reverteu sua tendência histórica de fonte perene de mão de obra desqualificada para as principais metrópoles do país. Nas últimas décadas, milhares de pessoas voltaram para o “agreste das confecções” e também chegaram dos mais diversos recônditos nordestinos para tentar a sorte por lá. Tudo isso sem a presença de grandes fábricas estrangeiras ou de outras regiões do país, a partir do seio dos lares e quintais das numerosas famílias agrestinas, explorando a mão de obra de seus filhos e agregados, criando uma paisagem urbana como Toritama, lugar que segundo

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

um informante, “parece uma grande fábrica disfarçada de cidade pelas fachadas das casas”.

Famílias que fabricam em seus quintais, jovens que montam um pequeno negócio (muitos com o afã de torná-los uma próspera empresa) e pequenas e médias indústrias, que se constituíram ao longo das últimas décadas, são apenas algumas das possíveis configurações produtivas encontradas na região. Como é possível observar nas fotos abaixo, a tradição do comércio de feira de rua em sua versão “para confecções”, a Feira da Sulanca, e a modernidade de um imenso centro de vendas (proclamado em sua publicidade como o maior da América Latina) coexistem em solo agrestino como espaços de comercialização da produção regional de confecções em pleno século XXI.



Foto 5: Feira da Sulanca em Toritama



Foto 11: Vista aérea do Moda Center (SCC)

Trajetória e avanços epistemológicos ao longo da prática de pesquisa em solo agrestino (2007-2016)

Em dezembro de 2006 o autor deste texto passou a atuar no Centro Acadêmico do Agreste (CAA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Tal condição propiciou-lhe estabelecer morada em Caruaru, vivenciar um tanto da dinâmica sociocultural e econômica do Agreste pernambucano e iniciar a trajetória investigativa de base empírica local, que se segue até hoje, voltada para o modo como as pessoas se projetam e conformam negócios característicos à condição periférica daquela região.

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

Nascido e socializado na capital Recife, viver e trabalhar em contexto agreste despertou nele novas inquietações. Estaria o processo de modernização de mundo também se dando por lá? Caso sim, de que modo? Também sob quais condições históricas locais? Com quais consequências para a vida e para os negócios da população agrestina? Estas questões o levaram à construção de uma agenda de pesquisa que hoje pode ser circunscrita no tema “gente e negócios em contextos periféricos”.

Mesmo que naquele tempo não as tenha formulado nestes termos, hoje e em olhar retrospectivo, acredita que tenha sido mais ou menos deste modo que seu interesse de pesquisa mais amplo se voltou para um encontro de “mundos”. De um lado, uma série de dimensões e aspectos da vida social agrestina, interiorana, de fortes heranças rurais, e que nesta região se conformou numa tradição histórica do comércio de feira de rua. Do outro, as práticas de negócios e os modos de vida disseminados em nossa sociedade capitalista “global”. Em sua contingência, um pesquisador que atuava como docente num curso de Administração, perguntava-se: *a partir daquelas inquietações, quais dinâmicas e personagens deveria estudar num contexto como aquele?*

Inicialmente pareceu razoável direcionar estas questões à condição de pessoas que, portadoras desta história local, lá viviam e atuavam como feirantes-proprietários de pequenos negócios de feira. Afinal, muitas delas ainda hoje possuem nestes negócios sua principal atividade ocupacional, fonte de renda e modo de inserção numa dinâmica econômica e sociocultural de modernização periférica.

Para avançar neste sentido, recorreu e passou a fazer uso da sociologia bourdieusiana. Acreditava ter nela aporte teórico-epistemológico à compreensão não somente da condição dos feirantes agrestinos (que depois viria a formular como um *habitus* feirante) e do modo como administravam seus pequenos negócios, mas também (e de modo mais ambicioso) acerca das disposições (modos de pensar, agir e sentir) que caracterizariam o homem de negócios contemporâneo ambientado naquele contexto, porém em comparativo com outros momentos e ambientes socio-históricos. Aos seus olhos da época, este personagem seria a típica personificação da sociedade de mercado consolidada desde o século passado.

Movido por tais inquietações e convicções, empreendeu inicialmente duas pesquisas em solo agrestino. A primeira delas teve como foco a condição de pessoas que lá viviam e atuavam como proprietários de pequenos negócios de feira. Muitas destas pessoas ainda hoje possuem nestes negócios sua principal atividade ocupacional, fonte de renda e modo de inserção numa dinâmica social, econômica e cultural de modernização periférica. Mesmo que a atividade não seja incomum, tomou proporções muito particulares na urbanização, na constituição do tecido social, enfim, no *habitus* dos caruaruenses e agrestinos.

Num primeiro período (2007-2010), investigações foram levadas adiante a partir de duas questões: quem são os feirantes de Caruaru? Como administram seus pequenos negócios de feira? Recorreu-se a diversas técnicas (observações etnográficas, conversas, survey, entrevistas, etc.) para caracterizar o conjunto de disposições de tal personagem, bem como o modo como as demandas do processo de modernização passavam a se fazer também presentes até mesmo em ambiente de negócios como aquele (cf. Sá, 2011, 2013b).

Paralelamente a esta se seguiu outra investigação de caráter exploratório sobre os modos de pensar, agir e sentir do homem de negócios contemporâneo. Por meio de uma série de iniciativas articuladas se chegou a uma análise preliminar, ao final do estudo, que

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

apontou para três perfis de executivos e empresários recorrentes na região: o formado para os negócios, o ascendente social por meio dos negócios e o herdeiro da tradição do comércio (Sá, 2010, 2013a).

Destas duas experiências surgiram dúvidas que foram problematizadas em termos metodológicos e epistêmicos (Sá e Mattos, 2012, 2016). Naquele momento se chegou a reflexões epistemológicas agrupadas em três conjuntos.

No primeiro, entende-se que a prática da ciência social em contexto agreste é um produto histórico-cultural condicionado pelas circunstâncias e interações a partir das quais seu resultado é gerado; que a imersão social é condição necessária tanto ao entendimento das particularidades e universalidades presentes neste contexto quanto à concepção de abordagens epistêmicas apropriadas; e que é preciso evoluir da ideia de observação isenta nas ciências naturais – onde se distancia metodologicamente o observador – para a de observação reflexiva, na parte mais genuína das ciências humanas, aquela em que se quer produzir compreensão de pessoas e relações entre elas. [...]

No segundo conjunto, acredita-se que a concepção clássica de linguagem – expressão de algo interior (pensamento, etc.) – tem que ir cedendo lugar a uma compreensão pragmática: ela é uma forma de ação, sempre simbólica. Não se pode desvincular linguagem e relação, ou interrelação, porque toda linguagem é uma forma de relação social [...].

No terceiro, atenta-se que uma das maiores dificuldades da pesquisa em ciências humanas e sociais é evoluir o conceito de objetividade. Não há processos metodológicos que, de maneira fetichista, possam descobrir a realidade. Mas pode-se construir boa argumentação, inclusive de natureza empírica e quantitativa, que firme o conhecimento historicamente possível e obtenha, por evidência, consenso intersubjetivo que levará à prática. Objetividade é a qualidade desse processo. Diante disso, a pesquisa social em contexto agreste, uma vez realizada com o devido rigor e legitimada em meios científicos, precisa ser traduzida em linguagem apropriada ao público que dela poderá obter algum benefício. Ou seja, para além da aprovação da qualidade objetivada no trabalho científico apresentado aos pares, é preciso que este seja reelaborado em linguagem adequada e viável para, deste modo, ser apresentado ao público local potencialmente interessado por seus resultados. (Sá e Mattos, 2016, p. 629-632)

Ao longo dos últimos anos (2011-2016), a trajetória investigativa aqui resgatada se voltou para a condição de personagens específicos dentre os diversos proprietários que atuam no universo dos negócios. Em razão da proeminência que a atividade de confecções tomou no âmbito local, bem como da necessidade de delimitar o campo empírico nestes termos, o foco foi direcionado para os proprietários de negócios de produção e comercialização de confecções no Agreste pernambucano. Os resultados desta última pesquisa foram apresentados numa tese de sociologia que se propôs a compreender de que modo aquelas pessoas, denominados de “filhos das feiras” para realçar a força da herança do comércio de feira de rua por eles incorporada, e seus negócios evoluíram a partir de uma história coletiva local comum, compartilhada por meio das feiras de rua e da dimensão que esta tomou na dinâmica regional, e como hoje constituem um campo de negócios específico, o campo de negócios agreste (Sá, 2015a).

Se nos dois primeiros estudos são enfatizados os reflexos impostos pelo processo de modernização nos personagens investigados, no último se destaca a história coletiva local incorporada nos indivíduos e o modo como isso também é marcante na configuração

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

de um mercado periférico. Também neste último se acredita ter avançado na compreensão e no uso mais reflexivo da sociologia bourdieusiana ao articulá-la com os impactos da filosofia do segundo Wittgenstein (W. II) e das novas bases de racionalidade e argumentação a partir da obra de Habermas. Em síntese, foi principalmente a partir (1) dos avanços epistêmicos promovidos em função das dúvidas herdadas dos primeiros anos da trajetória de pesquisa aqui recuperada e (2) desta última experiência, com incrementos teórico-epistêmicos em sua abordagem, que a seção seguinte (a principal deste texto) pôde ser elaborada.

Pistas epistêmicas para a pesquisa sobre gente e negócios em contexto periférico

As pistas que se seguem são tentativas de sintetizar alguns aprendizados e convicções que foram se consolidando, progressivamente, ao longo daquela trajetória-prática de pesquisa com reflexividade epistêmica. Cada uma delas decorre de demandas oriundas dos desafios enfrentados por um tipo de prática construtivista na qual se entende que campo e pesquisador são singulares e constituem uma relação nestes termos. De modo que, na medida em que se enfrenta novas situações, abordagens alternativas para a produção de conhecimento sob a medida local precisam ser (re)articuladas. É válido ainda registrar que os direcionamentos seguintes foram sendo, também progressivamente, incorporados, praticados e somente agora, *a posteriori*, sistematizados nos termos que se seguem.

Primeira pista: elaborar progressivamente um entendimento apropriado daquele contexto como periférico (numa “rota de fuga” de dois extremismos, o totalitarismo do universal e o fundamentalismo local)

Um contexto particular como o agrestino precisa ser elaborado de modo devido, ou seja, realçando seus traços próprios, porém sem perder a noção de que pode ser comparado com outros. É justamente isso que pode propiciar a qualificação de sua condição como periférica. Por um lado, inserido na trama da “globalização”, por outro, com especificidades históricas ainda significativas na dinâmica da vida (cultura, sociedade e economia) e do trabalho (organização, relações e ocupações) de sua população.

Um entendimento apropriado de tal contexto não passa por dois extremismos que ainda insistem em persistir dentre as narrativas que disputam legitimidade também científica. Numa ponta de um *continuum* imaginário, algo que pode ser denominado de “totalitarismo do universal”. Neste são levadas ao extremo ideias generalizantes e generalizáveis, tais como as abordagens acerca do empreendedorismo (ou da ideologia “empreendedora”) ou formulações que se replicam nos manuais de ensino de administração.

Talvez em reação a este extremismo totalizante ganhou força outro, o “fundamentalismo local”. Neste dimensiona-se o local como algo tão único e diferente de tudo mais e de todos os demais, que não pode ser comparado com outros contextos mundo a fora. O regionalismo atávico e o bairrismo teórico são modos que podem servir para ilustrar esta outra atitude extrema.

Nos últimos anos foi consolidada, no autor deste texto, a necessidade de uma “rota de fuga” destes dois extremismos e no sentido de construir o Agreste como um contexto

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

periférico. Chamá-lo assim é insinuar, por um lado, seu lugar geopolítico e cultural quando comparado com as principais regiões, cidades e atividades do Brasil e do mundo. Afinal, estas ocupam posição central não somente na economia, mas também nos padrões de consumo, estilos de vida, modos de pensar e compreender-se no mundo, e mesmo nos sonhos que se constituem em referência ao julgamento do que lhe é exterior, “mais moderno”, e que opera violências simbólicas muito íntimas na vida fora dos centros.

Com seus traços particulares e típicos, os negócios não deixam de ser também reflexo do contexto no qual estão inseridos. Se, por um lado, nestes podem ser vistas fortes singularidades, por outro, não deixam de apresentar similaridades a outros também situados na periferia do mundo-mercado contemporâneo. Vê-los assim pode ser útil em dois sentidos. No primeiro, para não repetir acriticamente um tipo de fé-prática de atavismo cultural que canta uma feira de rua como um patrimônio local *sui generis*, algo particular e distintivo à região – quando uma olhadela mundo afora nos permite encontrar feiras de rua que aconteceram por séculos e ainda hoje acontecem em pleno novo milênio. No segundo, para não simplesmente se esforçar em aceitar os ditames universalizados do mercado global. Se, por um lado, a história local não deve ser sobrevalorizada nos termos de se tornar fonte de extremismos identitários sem argumentos razoáveis, por outro, também não deve ser desvalorizada por olhares generalizantes que trazem explicações previamente articuladas para explicar fenômenos localizados (Sá, 2015a).

Para pesquisar fenômenos sociais em ambiências periféricas, se acredita ser necessário considerar tanto os traços da história coletiva local como os da modernização mundial. Por meio da construção do periférico como uma noção relacional, esta pista pode direcionar maior atenção para a inserção de um contexto, como o Agreste pernambucano, na trama do mundo global neste novo milênio, porém ao seu modo, em sua condição geopolítica. Isso pode permitir aprender também por meio de comparativos com outros contextos mais ou menos semelhantes a ele.

O desafio que se coloca a partir de uma pista como essa é caracterizar do melhor modo possível – para além da economia, também em termos socioculturais, políticos e históricos – um contexto de negócios situado nas margens do mercado internacional. O resgate de traços marcantes de uma história coletiva local que constitui uma gente e seu modo de fazer negócios (que pode ser vista como mais ou menos semelhante a outras no Brasil e mundo a fora, a depender do confronto de tal caracterização com outras), tendo no macroambiente uma esfera mais ampla (que também condiciona a configuração atual do local), é uma opção com e por meio da qual se pode seguir adiante.

Segunda pista: avançar na construção de modo de produção científico sob medida local (a partir do legado da epistemologia bourdieusiana)

Se Pierre Bourdieu alcançou status diferenciado nas ciências sociais contemporâneas, isso também se deveu a sua habilidade no manuseio dos diversos autores e correntes dos quais se serviu. Em particular ao que se quer tratar aqui, a literatura especializada destaca a marcante inovação promovida por seu *modus operandi* (cf. Wacquant, 2006; Brubaker, 1993; Baranger, 2012), ou seja, por seu modo de produzir conhecimento sobre o social – este foi mais ou menos compartilhado com seus seguidores e disseminado por meio de publicações e cursos. No entanto, o que há de especial e útil neste legado para quem faz pesquisa em contextos (e sobre fenômenos) periféricos?

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

Permite tal *modus operandi* reelaborações sob medida da singularidade de localismos, pesquisadores e da experiência de investigação científica geopoliticamente situados?

A relevância e ênfase que a epistemologia bourdieusiana atribui à construção de um objeto de estudo é uma das suas mais distintivas contribuições neste campo. Em sua perspectiva, tal processo não se dá por “ato fundacional” ou “de única vez”, e sim por aproximações sucessivas entre o pesquisador e o que se quer estudar (Bourdieu, 1989a), afinal, “o tema não está na coisa estudada”, ele é fruto de uma construção progressiva que se dá por meio de reelaborações neste processo (Sá 2015a, 2015b).

O que se constrói como objeto de estudo, que se pretende dizer científico, é revestido pelo contexto sócio-histórico, cultural, econômico e político no qual “a coisa”, à qual se refere o tema criado, se dá. Assim, não é razoável repetir fórmulas feitas em e para outras problematizações, mas sim avançar, a partir do que há de inspirador e fértil no saber prático da tradição científica, no sentido da construção de *modus operandi* próprio. É justamente aqui que entra a atenção à medida da contingência local.

Segundo o próprio Bourdieu (2014, p. 60-61):

A prática é sempre subestimada e subanalisada, ao passo que, para a compreender, é necessária muita competência teórica, muito mais, paradoxalmente, do que para compreender uma teoria. Deve evitar-se reduzir as práticas à ideia que se tem quando delas só existe uma experiência lógica. Ora, os cientistas não sabem necessariamente, por falta de uma teoria adequada da prática, investir nas descrições das suas práticas a teoria que lhes permitiria ter e dar um verdadeiro conhecimento dessas práticas.

É interessante observar que até mesmo sua metalinguagem teórica (os conceitos-noções que criou: *habitus*, campo, espaço social e capital simbólico, por exemplo) precisa ser utilizada pelo pesquisador que a isso se propõe como instrumentos, como um modo de organizar e dar sentido à prática de pesquisa. Esta seria a função da teoria em sua sociologia (Robbins, 2000; Bourdieu e Wacquant, 1992) e, conseqüentemente, na de quem desejar construir e elaborar argumentos sobre novos objetos a partir dela. Como salientou Brubaker (1993), a teoria social de Bourdieu precisa ser observada como um *habitus*, um modo específico de elaborar estudos rigorosos e argumentação própria sobre fenômenos sociais.

Em resumo, o verdadeiro princípio das práticas científicas é um sistema de disposições base, em grande parte inconscientes, transponíveis, que tendem a generalizar-se. Este *habitus* assume formas específicas segundo as especialidades: [...] os contactos entre ciências, que, tal como os contactos entre civilizações, possibilitam a explicitação das disposições implícitas, especialmente nos grupos interdisciplinares que se constituem em redor de um novo objecto, poderiam ser um terreno privilegiado de observação e objectivação destes esquemas práticos. (Bourdieu, 2014, p. 63)

O estudo mais aprofundado da epistemologia bourdieusiana (cf. Baranguer, 2012; Bourdieu e Wacquant, 1992) permite compreender que ela própria nos impele a pensar com e contra suas bases, ou seja, há nela uma “genética” construtivista. Os instrumentos teóricos e epistemológicos, desenvolvidos nesta abordagem original, podem ser ressignificados com segurança e assim servirem de inspiração para outras criações (Bourdieu, 1989a, 1989b; Sá 2015a, 2015b). Acredito que esta fertilidade pode ser ainda

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

maior se nutrida pelas contribuições que se procura explicitar nas pistas seguintes, ou seja, ao melhor se esclarecer sobre questões de linguagem.

*Terceira pista: esclarecer-se que linguagem é ação ordinária também em pesquisa social e que é preciso, além da científica, progredir no conhecimento da linguagem dos pesquisados*⁴

Como melhor saber a significação do que é dito por gente que vive e negocia num contexto como o agrestino? Como fazer, também por lá, ciência social linguisticamente esclarecida? Acredita-se que a segunda filosofia de Wittgenstein traz em si “potencial de renovação do pensamento Ocidental, de conciliação entre radicalidade e convivência com outras tradições teóricas e, sobretudo, de justificar e inspirar um *interesse prático* do pensamento e da pesquisa” (Mattos, 2012a, p. 1). Afinal, cada vez mais parece ser necessário atentar e assumir abertamente os limites de toda abordagem e de todo empreendimento científico que, em última instância, precisa ser visto como uma prática linguística.

Você “faz filosofia” ou “faz sociologia”, como uma prática teórica *social* – segue uma maneira de exercitar pensamento conceitual, com ou sem finalidades práticas, de grupos sociais a que se filia sem limites institucionais claros – e raramente se pergunta: *o que é fazer filosofia*, o que é praticar tal filosofia (filosofia analítica, fenomenológica, hermenêutica, etc.), *o que é praticar a sociologia bourdieusiana*, ou qualquer outra. Em suma: pratica-se linguagem, com dificuldade ou raramente esclarecido sobre o que está fazendo. É que esta prática é extremamente difícil de “agarrar”. Ela tem um “feitiço” próprio (expressão de Wittgenstein) que ilude sobre o que seja ela. (Mattos, 2012a, p. 2)

Foi por voltar-se contra uma concepção representacionista da linguagem, à qual ele mesmo havia aderido anteriormente (em *Tractatus...*), que Wittgenstein (2011) abandonou a busca pelo melhor modo de dizer o que são as coisas e se voltou para o entendimento dos significados que os termos adquirem nas interações pragmáticas historicamente situadas, ou seja, em “formas de vida” específicas (em *Investigações Filosóficas*)⁵.

A metáfora que ele mesmo criou para se esclarecer sobre tais interações, a ideia de “jogos de linguagem”, é um recurso que também tem potencial de esclarecimento tanto para o próprio pesquisador, sobre a linguagem que constitui em sua prática ordinária de pesquisa, quanto acerca da linguagem dos pesquisados, que reelaboram jogos próprios ao contexto no qual se encontram imersos.

Nas palavras do próprio Wittgenstein, “os jogos de linguagem mostram ‘como a linguagem funciona’”, mostram também que “mesmo seguindo as mesmas regras, ninguém joga do mesmo modo” e que “é jogando o jogo que aprendemos, de fato, suas

⁴ Tanto esta como a próxima pista já haviam sido insinuadas anteriormente (cf. Sá e Mattos, 2016), entretanto aqui se propõe avançar na elaboração e sistematização sintética de ambas com novos incrementos. Nesta, incorporando a lição do “jogo de linguagem” do segundo Wittgenstein, e na próxima os avanços na racionalidade e argumentação científica a partir de Habermas.

⁵ “A tese – quase única em IF – contra o essencialismo através da metáfora de *jogo* para referir-se à linguagem. Com isso, a linguagem fica identificada diretamente com relações sociais e se mantém presa à vida (“forma de vida”), impossível de se restringir e se classificar com propriedade. A racionalidade está neste nível da plena e pura ação (“racionalidade pragmática”), não pode ser separada dele, ao contrário do que tenta fazer a racionalidade moderna” (Mattos, 2012a, p. 4).

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

regras”. A ideia de “jogos de linguagem” se apresenta como uma forma pertinente de se compreender os limites da linguagem nela mesma, no modo metafórico e contingente como são comunicadas impressões (indissociáveis do repertório linguístico de cada um e do modo como podem ser elaborá-las a partir dele). Nesta perspectiva, como emitir definições prévias de significado deste ou daquele termo ou assertiva, se o que é passível de ser observado é cada uso circunstancial? Tais usos, mesmo que partindo de regras comuns nas quais se insere a interação, são únicos e precisam ser compreendidos neles próprios.

É claro que se elabora a partir do conhecimento prévio e intersubjetivo das regras que viabilizam e constroem cada jogo de linguagem específico e do “parentesco” com “imagens mentais” anteriores, mas não se usa na linguagem tais termos nos sentidos exatos e idênticos aos que estes tiveram numa situação anterior ou mesmo numa pretensa situação “ideal” na qual o termo foi utilizado “corretamente”. “Em suma, para Wittgenstein, as expressões linguísticas têm sentido porque há *hábitos determinados* de manejar com elas, que são *intersubjetivamente válidos* (IF 198, 199). É precisamente o hábito que sanciona sua significação determinada (IF 349) e constitui o jogo de linguagem em questão, que é uma forma específica de atividade humana” (Oliveira, 2006, p. 141)⁶.

As performances de comunicação precisam de um contexto no qual se dão e, nesta situação, adquirem significados. Sempre estamos elaborando imagens do que vimos, são os parentescos, as “semelhanças entre famílias de conceitos” que nos permite estabelecer associações entre os termos utilizados em jogos de linguagem distintos.

Tal reflexão evidencia a necessidade de uma preparação epistêmica para a prática de pesquisa social nos mais diversos contextos nos quais tal prática possa acontecer. Problematizar o próprio modo como se concebe e se denomina o que se estuda parece ser um desafio que ainda hoje prevalece na pesquisa social. Ao avançar neste rumo, o como se fala sobre o que se estuda passa a estar em questão. Isso permite perceber que talvez pouco possa vir a ser dito de modo apropriado quando se incorpora, na prática, o esclarecimento sobre os limites do que é possível sustentar com alguma segurança.

Seguir uma regra é, portanto, uma ato social que ocorre numa comunidade de vida por meio de hábitos e costumes (IF199), ou seja é adquirir determinada práxis de determinada comunidade humana – algo de muito exigente, pois implica numerosas aptidões e habilidades; em última análise, implica um assumir a forma de vida dessa comunidade em tela, a qual pode ser bem diversa da pessoa em questão. Precisamente porque a coisa é assim, não é possível formular abstratamente as regras de uso das palavras, mas somente por meio de uma análise das atuações pragmáticas (Oliveira, 2006: 146).

Em contexto periférico como o agrestino, este esclarecimento aponta, por um lado, para a necessidade de aprender, conviver e analisar linguagem dos pesquisados

⁶ “A filosofia em Wittgenstein substitui a pergunta pela essência por um olhar (IF 66) como nossas palavras são usadas. Trata-se assim, de ‘filosofia descritiva’, que aliás nunca tem fim, porque a linguagem é fonte permanente de mal-entendidos. [...] Para ele, não há essência, “o que existe de fato são ‘semelhanças entre famílias de conceitos’ (IF 67)”. [...] O exame atento desses contextos nos vai mostrar que usamos as palavras [...] de acordo com *semelhanças* e *parentescos*. Nesse sentido, podemos dizer que nossa linguagem é, sempre, de certo modo, ambígua. [...] Nossos conceitos são essencialmente *abertos* por admitirem a possibilidade a casos não previstos. [...] Deste modo,] o único meio de saber o que é linguagem é olhar seus diferentes usos.” (Oliveira, 2006, p. 129-132)

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

localizados, por outro, que a geração de linguagem científica a partir de tal competência é também ordinária à ação daquele que lá se insere. O pesquisador se vê então como um jogador duplo, de um lado, joga com conceitos e estratégias de investigação, do outro, com os modos de dizer as coisas e com os termos que aprendeu da língua local. Afinal, “é impossível determinar a significação das palavras sem uma consideração do contexto *socioprático* em que são usadas” (Oliveira, 2006, p. 131), ou ainda, “a compreensão depende da *situação histórica* em que a frase é usada e não do ato intencional de querer significar. O compreender [...] é um elemento de uma forma de vida, na qual se está inserido em virtude do contexto sócio-histórico” (Oliveira, 2006, p. 135).

Quarta pista: sustentar a apresentação de seus resultados com “retórica argumentativa” bem justificada, perante os pares e perante o contexto, de modo a alcançar a legitimação em ambas esferas

A quem recorrer e em que se apoiar para a elaboração de retórica argumentativa duplamente justificada, ou seja, com pretensão de reconhecimento como válida perante os pares e o contexto? Por quais caminhos seria possível elaborar argumento razoável capaz de tanto ser considerado conhecimento em ciências sociais quanto junto ao público sobre o qual versa?

Em boa parte, os grandes filósofos e sociólogos que estudaram problemas epistemológicos refletiram sobre questões surgidas de sua própria experiência – honesta – de trabalho sobre as tradições a que se vinculavam ou das quais procuravam distanciar-se. Tentaram construir a consistência de sua pesquisa, enquanto estudavam criticamente a consistência do método de outros pesquisadores. É o caso de Habermas. Essa busca de justificação do discurso científico através daquele tipo de estudo deveria ser, da mesma forma, motivação de todo pesquisador maduro em áreas interdisciplinares como a nossa, que precisam compor tradições de espectro temático mais amplo, em uma visão não especializada. (Mattos, 2012b, p. 1)

Em *Pensamento pós-metafísico* Habermas (1990) delinea quatro principais caminhos que percorre ao longo do livro e, quiçá, ao longo dos movimentos epistemológicos de seu pensamento. Seus “motivos modernos” podem ser tomados como posicionamentos elementares à constituição de pensamento social contemporâneo. Este precisaria seguir (1) a trilha da questão perseguida pelo Círculo de Viena (a busca por critérios para a validade das proposições pretensamente científicas, em oposição ao pensamento metafísico); (2) o reposicionamento do que se acreditava ser “conhecimento” científico como “discurso”, produto linguístico, a partir do segundo Wittgenstein; (3) a revisão da concepção de razão centrada no indivíduo-sujeito (que se relaciona com objetos de estudo) para a de uma razão comunicativa, centrada na intersubjetividade constituída e constitutiva do tecido social e de suas relações sujeito-sujeito; (4) a primazia do mundo prático, de sua dinâmica, de suas necessidades e questões para a elaboração de teoria, uma inversão na lógica tradicional adotada na pesquisa social, em particular, na sociologia – aonde “a boa teoria vem primeiro”.

O filósofo alemão enfrenta o desafio de que a ideia de razão, centrada no sujeito e naquilo que se dizia ser sua consciência, dominante na filosofia clássica e moderna, precisa ser revista na discussão científica e filosófica contemporânea, nos termos da sua

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

indissociabilidade da prática social de comunicação e compreensão intersubjetiva. É assim que desenvolve novo paradigma filosófico científico voltado para o estudo da linguagem, aquilo que ele acredita ser possível de se conhecer a natureza (Araujo, 2009)⁷.

Habermas constrói um discurso que, como linguagem, *reconhece* (e pratica) suas bases objetivas que são a relação social de comunicação linguística, com suas regras. [...] A compreensão pragmática da linguagem nos põe diretamente dentro do estudo da argumentação, como uma estrutura subjacente a ela. Porque quem *se dirige a outro* “levanta uma pretensão de validade do que diz” (Habermas) e procura formas de obter dele o reconhecimento de sua intenção, mesmo que apenas deseje ou espere o dissenso (discordância, agressão, etc.). ... Uma longa tradição, bem desenvolvida no ocidente, tem trabalhado a arte da argumentação verbal, seja oral seja escrita: a retórica. A retórica persuasiva, que permite ao interlocutor acompanhar completamente os argumentos do falante e julga-los racionalmente, pode ser de grande inspiração e uso nas ciências hermenêuticas e, em geral, nas ciências da cultura, localizando-se na essência de seu método. A teoria da argumentação, por isso, contribuiria certamente com a qualificação da atividade de pesquisa acadêmica naquelas ciências. (Mattos, 2012b, p. 3-4)

De modo geral, a teoria de Habermas aponta para uma demanda comum em ciência: de que sejam apresentados argumentos convincentes que satisfaçam um conjunto complexo de padrões lógicos, dialéticos e retóricos de avaliação, obviamente, dentro de um contexto social-institucional de disputa, padrões de conduta e reconhecimento (Rehg, 2009, p. 131).

Em suma, a teoria do discurso de Habermas implica numa concepção multidimensional da coerência em que o processo social, entendido como um processo dialógico, desempenha um papel crucial. [...] Assim, a questão é: que argumentos devemos considerar como indicadores convincentes da verdade de suas conclusões? Em resposta, a teoria de Habermas diz: aqueles argumentos que nos persuadem da maneira correta, ou seja, em virtude de méritos lógicos com credenciais dialógicas. (Rehg, 2009⁸, p. 151)

No âmbito da virada linguística, Rehg (2009, p. 21-30) trata do que denomina de “virada retórica”, da sua repercussão na ruptura de fronteiras disciplinares, da emergência de uma “cooperação interdisciplinar” e mesmo daquilo que chama de “fertilização cruzada” entre disciplinas distintas por meio de conceitos de fronteira, tais como discurso, retórica e texto que passam a ser utilizados, transitando livremente, entre áreas como estudos literários, sociologia, linguística, história, filosofia e comunicação. Em termos gerais, propõe-se “entender ciência como um processo argumentativo”, sendo esta argumentação compreendida não como uma demonstração dedutiva, mas sim como uma construção com o propósito de convencer uma audiência. É justamente a partir daí que se

⁷ Araujo (2009) também lembra que Habermas “reencontrou seu caminho filosófico pelas vias da hermenêutica, do pragmatismo e da filosofia da linguagem”. Em linhas gerais, da primeira, Habermas incorporará a atitude compreensiva e a valorização da experiência de pesquisa sujeito-sujeito (e, obviamente, a autorreflexão ao longo dela), da segunda o foco na situação prática de interação em sociedade e da terceira o estudo daquilo que torna possível a intersubjetividade, a linguagem, bem como da possibilidade de verdade consensual a ser alcançada por meio de discurso-argumentação justificável e sustentável.

⁸ Citações diretas de obras publicadas e referenciadas em língua estrangeira foram objeto de tradução livre.

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

precisa ir além da concepção de argumento “formal” (premissas-análises-conclusões), e encarar a argumentação como um tipo de interação social.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1992) apresentam uma proposta de ruptura com a concepção cartesiana de razão/raciocínio (que trata da razão como algo inerente a um sistema de pensamento “mais geométrico”) a partir do resgate da retórica e da dialética grega. É neste sentido que propõem uma teoria que se volta para a estrutura da argumentação e tem como objetivo “o estudo de técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que foram apresentadas ao consentimento deles” (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 1992, p. 4-5).

A aceitação da validade da filosofia pós-virada também impõe ao cientista social uma atenção particular para a necessária adaptação do orador ao auditório afinal, “*é em função de um auditório que se desenvolve toda argumentação*” (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 1992, p. 7, grifo meu). Trata-se de um aspecto que pode ser abundantemente visto nas interações cotidianas ordinárias, quando somente conseguimos nos fazer entendidos se falamos do modo como nosso interlocutor é capaz de entender o que está sendo dito. Ou seja, os resultados de uma pesquisa precisam ter suas apresentações adaptadas ao público (se “geral”, se estudantes, se uma banca examinadora ou mesmo os pares num evento científico). *A adaptação é dever do orador* e não da plateia com a qual se deseja ou necessita comunicar. Se, por um lado, as mesmas competências e técnicas argumentativas podem ser encontradas/usadas em situações das mais distintas, por outro, cabe ao orador/escritor discernir e fazer o uso apropriado daquelas que podem levá-lo ao “êxito comunicativo” em cada tipo de interação ou auditório.

Para além do reconhecimento como válido numa comunidade científica específica, argumentos elaborados com tal pretensão precisam também ser expostos ao crivo do público em geral do contexto no (e para o) qual foi pretensamente elaborado aquilo que se chama de conhecimento científico. As técnicas e estratégias de retórica poderão ser bem diferentes que as utilizadas para aquela comunidade, no entanto, o pesquisador que desenvolve pesquisas em contextos periféricos como o Agreste, precisa também se empenhar na comunicação com um mais amplo e variado “auditório”, que pode não ser muito usual ou familiar em princípio ao “cientista”, mas que uma vez apreendidos os recursos necessários para se fazer entender por ele, conquista-se um outro espaço crucial à legitimação do trabalho científico.

Síntese das pistas e considerações finais

As quatro pistas acima elaboradas e apresentadas como principal objetivo deste texto apontam para: (1) a necessidade de uma elaboração apropriada de um contexto como periférico, ou seja, como constituído a partir e em função de uma posição geopolítica que pode ser mais ou menos similar a outras com as quais pode ser comparado, (2) o investimento na construção de um modo de produção científico que se acredita apropriado ao contexto local no qual se pesquisa, (3) a relevância de esclarecimentos sobre a linguagem enquanto ação ordinária própria e dos pesquisados e (4) a retórica argumentativa apropriada como meio para se alcançar a legitimidade em conformidade ao auditório ao qual se dirige.

Uma vez que a ciência social seja entendida como um campo no qual argumentação prevalece, ou seja, aquele no qual um discurso que se justifica com competência e é aceito como válido, se impondo ao ser confrontado com outros (que não

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

apresentam a mesma performance capaz de alcançar o reconhecimento intersubjetivo de sua validade), também é preciso tomar como crucial a preparação epistemológica do pesquisador neste sentido.

Se a atividade científica, em particular a social, é algo que cobra dos seus praticantes maduros consciência e esclarecimento sobre o que está em jogo, ou seja, sobre o que se está de fato fazendo, é possível estar jogando maduramente sem agir como quem está num amplo processo que visa à construção de um argumento persuasivo e convincente?

Quando um pesquisador se propõe a trabalhar dentro do paradigma linguístico, o tipo de argumentação a ser construída precisa ser reposicionado no plano performático-retórico da pragmática da linguagem. O entendimento, a compreensão, a interpretação precisam ser traduzidos num discurso com poder de convencimento do público ao qual se destina. Ao menos foi neste sentido que apontaram as pistas aqui reunidas.

Referências

ANDRADE, M. C. de. **A terra e o homem do Nordeste**. 7ª ed. revista e aumentada. São Paulo: Cortez, 2005 [1963].

ARAÚJO, L. B. L. O período de formação, o “giro linguístico” na Teoria Crítica da sociedade, e a presença de Habermas no debate contemporâneo. In: Habermas, 80 anos. **Cult**, n. 136, Junho/2009, p. 2-4. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/category/edicoes/136/>>. Acesso em: 13/02/2017.

BARANGER, Denis. **Epistemología y metodología em la obra de Pierre Bourdieu**. 2ª. edición (1ª. electrónica). Posadas, 2012.

BOURDIEU, P. Introdução a uma sociologia reflexiva. in Pierre Bourdieu, **Poder simbólico**. Portugal/Brasil: Difel/Bertrand: 1989a, 17-58.

BOURDIEU, P. A gênese dos conceitos de *habitus* e campo. in Pierre Bourdieu, **Poder simbólico**. Portugal/Brasil: Difel/Bertrand: 1989b, 59-73.

BOURDIEU, P. **Por uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2014.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. **An Invitation to Reflexive Sociology**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

BRUBAKER, R. Social Theory as *Habitus*. In: CALHOUN, Craig et al. (eds.). **Bourdieu: Critical perspectives**. Cambridge: Polity Press, 1993, p. 212-234.

FERREIRA, J. E. **Ocupação humana do agreste pernambucano: uma abordagem antropológica para a história de Caruaru**. João Pessoa: FAFICA/Ideia, 2001.

HABERMAS, J. **Pensamento pós-metafísico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

IBGE. **Estimativa Populacional 2016**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/mapa_site/mapa_site.php#populacao. Acesso em: 31/08/2016.

LIRA, S. **Muito além das feiras da sulanca**: a produção de confecções no Agreste-PE. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

LYOTARD, J.-F. **A condição pós-moderna**. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002. [1979]

MATTOS, P. L. C. L. **Introdução Crítica à Epistemologia Moderna – Parte II: A FILOSOFIA PRAGMÁTICA DA LINGUAGEM E O “SEGUNDO” WITTGENSTEIN**. Recife, 2012a (Programa de leituras não publicado). (mimeo)

MATTOS, P. L. C. L. **Introdução Crítica à Epistemologia Moderna – Parte III: UMA VISÃO REFLEXIVA DA PESQUISA ACADÊMICA EM CIÊNCIAS DA CULTURA, EM NOVAS BASES DE RACIONALIDADE**. Recife, 2012b (Programa de leituras não publicado). (mimeo)

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea**. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Traité de l'argumentation**: la nouvelle rhétorique. Bruxelles: Université de Bruxelles, 1992.

REGH, William. **Cogent science in context**: the Science Wars, argumentation theory, and Habermas. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2009.

ROBBINS, D. The socio-genesis of the thinking instruments. in Derek Robbins, **Bourdieu and culture**. Londres: Sage, 2000, 25-41.

SÁ, M. **O homem de negócios contemporâneo**. Recife: UFPE, 2010b.

SÁ, M. **Feirantes**: quem são e como administram seus negócios. Recife: UFPE, 2011.

SÁ, M. **O homem de negócios contemporâneo: três perfis em construção**. In: Sá, M. et al. (Orgs.). **Trabalho**: questões no Brasil e no Agreste pernambucano. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013a, 65-86.

SÁ, M. **Feirantes**: possíveis contribuições. In: Sá, M. et al. (Orgs.). **Trabalho**: questões no Brasil e no Agreste pernambucano. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013b, p. 101-117.

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

SÁ, M. **Os filhos das feiras e o campo de negócios agreste**. (Tese de Doutorado em Sociologia) Braga: Universidade do Minho, 2015a. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/35680>. Acesso em: 12/02/2017.

SÁ, Marcio. **Construtivismo bourdieusiano como linguagem: uma interpretação pragmática**. *Configurações*, Braga: Cics-Univ. do Minho, n. 16, 2015b, p. 115-128. Disponível em: <http://configuracoes.revues.org/2881>. Acesso em: 12/02/2017.

SÁ, M.; MATTOS, P. L. C. L. de. De Pequenos Negócios de Feira à Metodologia Científica: Dúvidas Herdadas de Experiências de Pesquisa. In: **Anais do XXXVI EnANPAD** (Encontro anual da ANPAD). Rio de Janeiro: Anpad, 2012.

SÁ, M.; MATTOS, P. L. C. L. de. De Pequenos Negócios de Feira à Metodologia Científica: avanços a partir de (e para) experiências em contexto agreste. **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, n. 7, 2016. v. 3, n. 7, 2016, p. 605-644. Disponível em: <http://revistas.face.ufmg.br/index.php/farol/article/view/2528>. Acesso em: 12/02/2017.

VÉRAS DE OLIVEIRA, R. O Polo de confecções do Agreste de Pernambuco: elementos para uma visão panorâmica. In: Vêras de Oliveira, R.; Santana, Marco A. (orgs.). **Trabalho em territórios produtivos reconfigurados no Brasil**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013, p. 233-78.

WACQUANT, L. Seguindo Bourdieu no campo. **Revista Sociologia e Política**, Curitiba, n. 26, 2006, p. 13-29.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tratado lógico-filosófico e Investigações filosóficas**. Tradução e Prefácio de M. S. Lourenço. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011 [1921 e 1953].

Fontes e créditos das fotos:

Foto 1: disponível em “Caruaru Antiga” (<https://www.facebook.com/caruaru.antiga?fref=ts>)

Fotos 2, 3 e 4: do arquivo de Arnaldo Vitorino e também disponibilizadas por Dadinho (Santa Cruz do Capibaribe)

Foto 5: elaboração própria

Foto 6: disponível na internet (google images)